

Representação de Guimarães na Exposição realizada no Palácio de Cristal Portuense em 1867

Nos fins do ano de 1867, no Palácio de Cristal Portuense, — que marcou na história do Porto e viria a ser substituído pelo *mamarracho* que agora ali vemos e deveria ter sido construído noutra local mais apropriado, — realizou-se uma «Exposição de Arqueologia e de Objectos Raros, Naturais, Artísticos e Industriais».

No *Catálogo Oficial da Exposição*, que lhe serviu de guia e foi publicado na Tipografia do «Jornal do Porto», com sede na Rua de Ferreira Borges, 51, apparecem, como expositores, a Câmara Municipal de Guimarães, os condes de Azenha e de Arrochela, os Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Manuel Ribeiro de Faria, João Baptista Sampaio, João de Castro Sampaio, e o visconde de Santa Luzia, todos vimeiraneses.

Essa Exposição dividia-se em três secções: «História Natural», «Arqueologia e Objectos Raros» e «Belas Artes».

Em todas elas estavam expostas peças pertencentes à Câmara e às individualidades acima referidas, peças essas que passamos a mencionar, mantendo os números com que foram catalogadas actualizando, apenas, a ortografia.

A 1.^a secção era consagrada à «**História Natural**». Nela, o dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas expôs:

166 — Uma colecção de produtos químicos naturais para tipos de estudo, com 50 espécies de amostras.

167 — Uma colecção de minerais para tipos de estudos, com 100 espécies de amostras.

168 — Uma colecção de produtos naturais para tipos de estudos, com 50 espécies de amostras.

169 — Uma colecção de rochas para tipos de estudo, com 100 espécies de amostras.

170 — Uma colecção de rochas do distrito de Braga com 85 espécies de amostras — granitos porfiróides, granitos anfibólicos, gneisses, sienites, chistos argilózos, ardósias (louças), chistos carbonózos, antracites, quartzites, argilas plásticas, quartzos, etc.

171 — Uma colecção de minérios do país com 40 espécies de amostras — estanho, antimónio, cobre, ferro, etc.

172 — Um magnete do sítio de Pisões, na Serra do Gerês (siderite dos mineralogistas).

173 — Cinco espécies de amostras de polipos.

174 — Algumas conchas.

Também Manuel Ribeiro de Faria expoz:

177 — Duas cobras preparadas a seco.

178 — Um sardão preparado a seco.

179 — Um sardão em álcool.

180 — Duas rãs em álcool.

181 — Uma pele de gibóia.

182 — Epiderme de cobra.

183 — Uma toupeira.

184 — Um dente de cachalote.

185 — Um crâneo de toninha.

186 — Um pedaço de pele de peixe mulher.

187 — Um pedaço de costela de um baleote.

188 — Um polipo.

189 — Um magnete do sítio de Pitões na serra do Gerês.

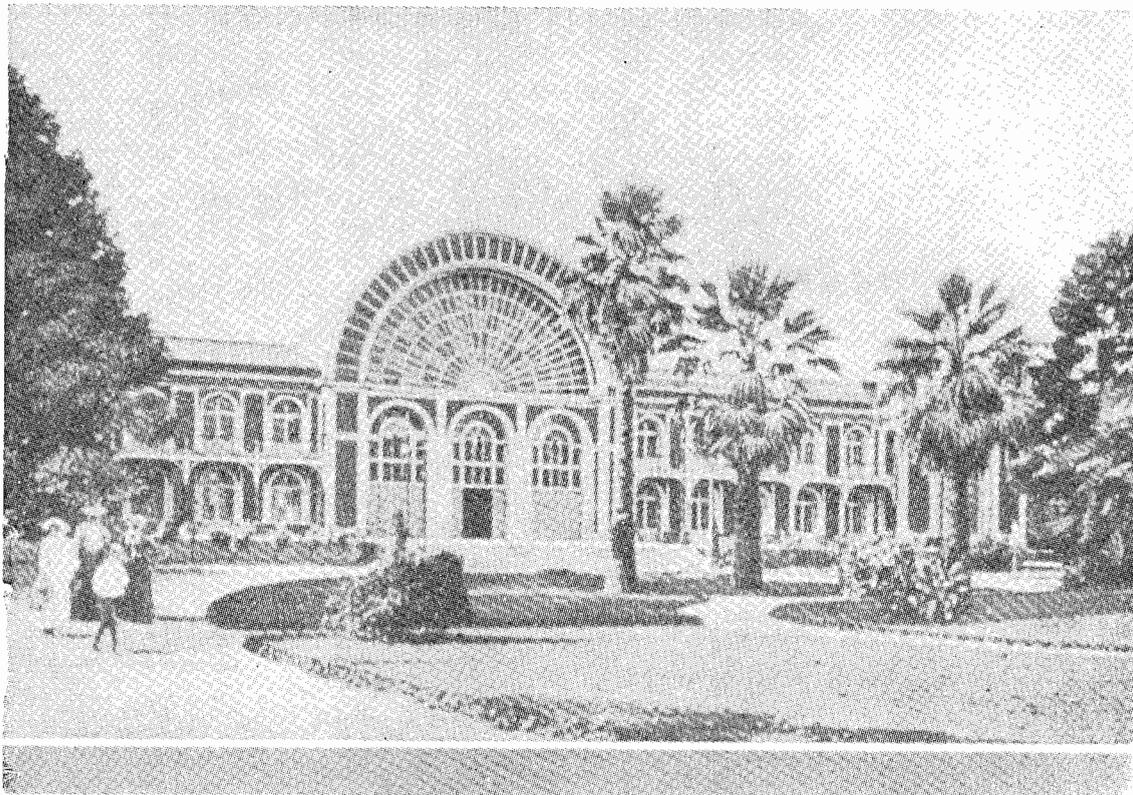
190 — Algumas amostras de minerais.

Passemos, agora, à Secção II — «**Arqueologia e objectos de Arte**».

Nela constavam:

Da Câmara Municipal

265 — Um incensador de prata com as armas reais de Portugal, a esfera de que usa Guimarães no edifício municipal, e a Virgem da Oliveira, em relevo.



O antigo Palácio de Cristal Portuense onde se realizou a Exposição de 1867

266 — Um areeiro de prata com labores a buril, com a data de 1603 na orla superior.

267 — Um cálix de prata com colherinha e patena dourada com labores abertos a buril, dos princípios do século XVII. O desempenho artístico deixa entrever a mesma mão do artista que fizera o areeiro supradito. Tem de altura 0,20, e de diâmetro na base 0,12 e na boca, 0,08.

268 — Quatro padrões de medidas de secos, de latão, dadas por El-Rei D. Sebastião para o arquivo municipal. São em forma cúbica, e bem manipulados. Têm as armas da monarquia com a legenda *Sebastianus*.

«Ainda em Guimarães se conservam em pedra os padrões das teigas, com que se mediam os géneros nos princípios

da monarquia. Estão abertos orbicularmente nos cimos de dois grandes toros de pedra de grés quartzozo. Acham-se na antiga igreja de S. Miguel do Castelo, onde fora baptizado D. Afonso Henriques pelo arcebispo S. Geraldo, na pia baptismal que dali fora conduzida para a igreja da Senhora da Oliveira, onde existe».

269 — O foral da Câmara do ano de 1508.

Do Conde d'Azenha

362 — Uma espada florete, antiga, com punhos de copos.

363 — Uma espada columbrina, antiga, com punhos de copos, com relevo e rendado na orla.

364 — Um florete, antigo, com punhos de copos, com abertos, e sobre-aro.

365 — Dois capacetes antigos, um deles com rebordos revolutedados, e outro com cimo acunhado.

366 — Um pelote de anta, sem mangas, do século XVII.

367 — Um acicate de correias de latão.

368 — Um escudo de charão, com as armas da antiga família da casa d'Azenha.

369 — Dois espartilhos antigos, de senhora, sendo um cor de rosa e outro azulado.

370 — Uma farda verde, bordada a retrós, prata e ouro, que foi do príncipe de Hesse, com quem Augusto Roquemont veio (na qualidade de secretário) para Portugal.

371 — Um vestido branco de cauda, antigo.

372 — Um mantelete verde, tecido de prata.

373 — Dois corpetes de seda, antigos.

374 — Uma crinoline do século XVIII.

375 — Umas anquinhas de senhora, antigas.

376 — Dois pares de sapatos antigos, de senhora.

De João Baptista Sampaio

508 — Uma cruz de bispo, com cinco relógios, peça antiga muito curiosa.

509 — Uma caixa de rapé, de prata dourada, que pertenceu ao falecido reverendo padre Marcos, confessor da Rainha Senhora D. Maria II*.

* Foi o 65.º D. Prior da Colegiada (P.º Marcos Pinto Soares). *A. de O.*

510 — Uma caixa de rapé, de ágata e ouro. Dádiva de D. Pedro IV.

De João de Castro Sampaio:

512 — Uma salva de prata, antiga.

513 — Uma dita, mais pequena.

514 — Uma chaleira com trípode.

De José Falcão de Magalhães:

606 — Uma salva de prata, antiga.

607 — Um relógio, antigo, em forma de pera, e uma cadeia de ouro, esmaltada, com emblemas de música.

608 — Uma farda, e colete bordados a ouro e prata, que pertenceram ao falecido Conde de Basto.

Na secção de Arqueologia e Objectos Raros

De José Joaquim da Silva Pereira Caldas (Dr.)

637 — Uma colecção de fragmentos arqueológicos das termas romanas das Caldas de Vizela, no concelho de Guimarães, com cinco espécies de amostras.

638 — Argamassa de cal e tijolo em fragmentos, aglutinados com extrema aderência. Dão-se especimens mais *grauílhos*, e menos *grauílhados*.

639 — Mosaico de cubosinhos calcáreos, incrustados em argamassa de cal e areia, em justaposição uns aos outros.

640 — Mármore do fundo das piscinas, assentes em argamassa compacta. Dão-se especimes mais *alterados*, e menos *ataçados*.

641 — Tijolos dos aquedutos das piscinas, assentes em argamassa compacta. Dão-se especimes *lisos*, e com *rebordos*.

642 — Pregos sulfurados, com aspecto de cobre.

«Estes especimens arqueológicos, de umas termas romanas memoráveis, atestam o apreço do povo-rei, a que Virgílio chamara *rei à larga (late regem)*, pelas águas sulfureas das Caldas de Vizela.

No império de Domiciano, entre os anos de 81 a 90, da era cristã, ou foram construídas ou reedificadas estas termas romanas, sob a direcção de Tito Flávio Archelau Claudiano, legado angustal da Lusitânia.

Assim parece depreender-se duma lápide, achada nas Caldas de Vizela, vai em 300 anos, e que dali fora conduzida, como objecto curioso, para a quinta de Aldão, ao pé de Guimarães.

Explanam-se estas antiguidades destas termas romanas, na *Noticia Archeologica das Caldas de Vizella*, publicada in-8.º gr. pelo expositor, e pelo mesmo exposta ao pé dos especimens dos tijolos romanos».

643 — Uma planta icnográfica das termas romanas das Caldas das Taipas, no concelho de Guimarães, levantada pelo expositor em 1884, em escala de 0,005.

«Destas termas romanas, em cujas ruínas apparecera uma piscina de construção singular, não há memória nos nossos escritores das antiguidades do país; ao passo que apparecem notícias das termas romanas das Caldas de Vizela.

Nas Caldas das Taipas só appareceu até hoje uma lápide romana, conhecida com o nome de ara de Nerva, e renovada nas letras em 1818, com troca de algumas delas em outras, por imperícia lapidária do renovador.

Nesta lápide romana nada há de alusão às termas próximas do sítio da mesma lápide, ainda hoje existente na posição primitiva, no meio dum cerrado de monte.

Trata-se desta ara de Nerva na *Noticia Topographica das Caldas das Taipas*, publicada em 8.º gr. pelo expositor, e pelo mesmo exposta ao pé da planta icnográfica».

Uma colecção de botões antigos, de vestuários nacionais, com 3 espécies de amostras.

644 — Botões de vidro, com aros de metal, com figuras em cores, e marca grande.

645 — Botões em vidro, com aros de metal, com rosetas em cores, e marca pequena.

646 — Botões em seda, com bordados dourados.

647 — Uma medalha de prata, da exposição agrícola de Braga em 1863, aberta no Porto pelo artista José Arnaldo Nogueira Molarinho, natural de Guimarães.

648 — Uma moeda de prata, achada nas Caldas de Vizela, numa escavação em procura de águas sulfúreas, para aumento das nascentes dos banhos. Moeda celtibérica da cidade de *Helmantica*, que se presume ser a moderna *Salamanca*, sobre o ribeiro *Tormes*, confluyente do Douro. Valia uma *dracma* de prata como as moedas gregas que serviram de modelo ao numerário celtibérico, bem como aos *denários* romanos.

DESCRIÇÃO: «*No anverso* — «Cabeça viril, barbada, à direita (provavelmente a divindade equivalente a Júpiter entre os Helmaticenses), por detraz X N, inicial e última letra do nome HELMAN, que na língua celtíbera o era do tal deus protector da dita cidade».

No reverso — «Cavaleiro a galope à direita, com lança em riste.

Por debaixo (mas não no exergo) XIMAN que se transcreve HELMAN e constitue assim o nome celtibérico da dita cidade Helman, Helmantica, que se corrompeu em Salmantica, Salamanca. Tem de idade cerca de 2.000 anos».

Uma colecção de armas brancas, antigas, com quatro espécies de tipos:

649 — Espada colubrina.

650 — Espadas floretes.

651 — Espada arqueada.

652 — Facalhão à chinesa.

As espadas são de punho de copos.

A espada arqueada, com folha antiga, não é usual. As espadas de punho de copos são usualmente direitas.

O facalhão à chinesa figura uma faca de mato. O cabo é de marfim, com figuras chinesas.

653 — Uma charuteira de charão com pinturas chinesas.

654 — Uma dita, dita, dita, dita.

655 — Uma caixa de aromas, chinesa, em pau sândalo.

656 — Uma carteira chinesa de pau sândalo.

657 — Uma caixinha chinesa de estofado em cores.

Entre as numerosas colecções de obras interessantes, curiosas e raras sobre literatura antiga e moderna, ciências, linguística, e belas artes deste expositor, encontravam-se as seguintes:

658 — Missal romano contendo na Comemoração de S. Pedro, a pág. 80, a palavra — *animas* — que desde o ano de 1600 em diante foi suprimida nas edições dos missais romanos. Antuérpia, 1573, in-4.º, muito raro.

659 — Missal romano, Manual, sem a palavra — *animas* — na Comemoração de S. Pedro. Coimbra, 1620.

660 — Missal bracarense, em gótico, com a palavra — *animas* — na Comemoração de S. Pedro. Lyon, 1558, in-fol.

661 — Bíblia Sacra, com índices interpretativos dos nomes hebreus, caldeus, gregos e latinos, e com gravuras em madeira no texto. Lyon, 1572.

662 — Colecção de livros históricos e religiosos da China, em língua chinesa e impressos em papel de arroz. 18 vol. in-8.º gr., brochados à chinesa.

663 — O Novo Testamento, traduzido em chinês da Vulgata Latina. 4 vol. in-8.º, brochados a fio de seda.

664 — Tratado da Milícia romana, com gravuras no texto, por Justo Lipsio. Antuérpia, 1630, in-4.º gr., em latim.

665 — Colecção dos retratos dos reis de Portugal desde o conde D. Henrique até el-rei D. João V, em gravuras antigas abertas em cobre. 1 vol. in-fol.

666 — Album de móveis antigos em litografias coloridas. 1 vol. in-fol.

667 — Madalha dos pontífices romanos respectivas à fabricação do Vaticano, com notícia da construção do templo e do que lhe diz respeito; por Filipe Bonanni. Roma, edição de 1700, reproduzindo a de 1696, com numerosas gravuras.

668 — Prontuário de medalhas dos mais insignes varões desde a antiguidade, por D. João Martinho Cordeiro. Tradução espanhola. Lyon, 1561, in-4.º com gravuras no texto. Edição singular como colectânea de medalhas fabulosas e fictícias.

669 — Numismalogia de Bento Morganti, com notícia das medalhas dos imperadores romanos em ouro, prata e cobre, arquivadas no seu museu. Lisboa, 1737, in-4.º, com gravuras no texto.

670 — Classificação das moedas e medalhas antimonas da Espanha, com a carta numismática da Península antes de reduzida a província romana, e gravuras dos alfabetos e lendas celtibéricas, por Sauley. Metz, 1840, 1 vol. in-8.º, em francês.

671 — Instituições de lapidária antiga, contendo regras e instruções para leitura e decifração das lápides e cipos romanos; tradução do toscano para espanhol por Casto Gonçalves. Madrid, 1794, 1 vol., in-fol., em espanhol.

672 — Explicação da lápide de Taunston, achada num rochedo de Dighton na América, perto de 50 milhas ao sul de Boston, em 13 de Setembro de 1768, por Moreau de Dammartin. Paris, sem data, in-4.º com estampas litografadas.

673 — Observações sobre a língua e ortografia latina, tiradas dos mármore, bronzes e medalhas dos Césares romanos desde Augusto até aos Antoninos, pelo padre António Pereira de Figueiredo. Lisboa, 1765, 1 vol., in-4.º gr.

674 — A antiguidade explicada e representada em gravuras por D. Bernardo de Montfaucon: 2.ª edição correcta. Paris, 1772, 15 vols. in-fol. gr., em francês e latim.

675 — Vidas dos varões ilustres de Plutarco, traduzidas do latim para espanhol pelo cronista Afonso de Palência, e impressas em Sevilha por Paulo de Colónia, João de Nuremberg, com os alemães, Magno e Thomaz, em gótico. 1491.

676 — Livro de albeitaria, correcto e emendado de novo, em gótico. No fim declara-se a obra impressa em Salamanca em 1534, 1 vol. in-4.º, em espanhol. Escreveu-a em catalão Manuel Dias.

677 — Crónica das três ordens de cavalaria, de S. Tiago, de Calatrava e de Alcântara, por Fr. Francisco de Rades e Andrade. Toledo, 1572, in-fol., em espanhol.

678 — Nobiliário do conde D. Pedro, filho d'El-Rei D. Dinis, com notas de João Baptista Lavanha, marquês de Monte Belo, Manuel de Faria e Sousa e outros anotadores. Roma, 1640, 1 vol. in-fol. gr. Este exemplar pertenceu ao célebre antiquário António Ribeiro dos Santos.

679 — Espelho de príncipes e cavaleiros, contando os feitos de Phebo e Rosicler, filhos do imperador Trebácio e os amores da princesa Claridiana. 4 vol. in-fol., em espanhol, 1617 a 1623.

680 — Traslado autêntico dos privilégios concedidos pelos reis de Portugal, aos oficiais e familiares da inquisição, impresso por ordem do supremo conselho. Lisboa, 1691, in-fol.

681 — Roteiro do Mar Mediterrâneo, tirado do Espenho ou Tocha do Mar, por Luís Ferrão Pimentel. Lisboa, 1675, in-fol.

682 — Procedimento do bispo do Porto, D. José Maria da Fonseca e Évora, contra os irmãos da Misericórdia da mesma cidade, por lhe faltarem às honras devidas, em 12 de Março de 1746, indo em procissão visitar a mesma igreja; com o recurso e respostas. Porto, 1747, in-fol.

683 — Colecção de sentenças proferidas no Santo Ofício, contra vários penitenciados, achando-se entre elas a sentença contra a Madre Teresa de S. José, em Lisboa, com a cópia da carta por ela dirigida às discípulas de Odivelas, de que há cópias com variantes. 1 vol. in-fol., manuscrito.

684 — Esboços poéticos e pictóricos, por João Gherardo de Rossi, em versos italianos, com muitas gravuras, abertas em traço de pena, em Roma, no ano de 1791, por Fr. José da Apresentação, beneditino de Tibães, nascido no Porto, em 1767, e que no século era chamado José Teixeira Barreto. Parma e Roma, 1794 e 1795, 1 vol., in-8.º.

685 — Romances da Germânia, coligidos de vários autores, com um vocabulário declarativo dos tempos e línguas dos ciganos, composto por Juan Hidalgo; com um discurso sobre a expulsão dos ciganos da Espanha, escrito pelo Dr. D. Sancho de Moncada; e com os romances da Germânia, escritos por D. Francisco de Quevedo. Madrid, 1779, 1 vol. in-8.º, em espanhol e cigano.

686 — Jograis e Troveiros, escolha de saudações, cartas, fantasias, e algumas poesias miúdas, dos séculos XIII e XIV, publicado tudo por Achilles Jubinal. Paris, 1835, 1 vol. in-8.º gr., em francês, tirado em pequeno número de exemplares.

687 — Lenda latina de S. Brandão, e da ilha encoberta, com versões e paráfrases antigas, em francês, e notícias históricas, publicado tudo por Achilles Jubinal. Paris, 1836, in-8.º gr., em francês e latim, tirado em pequeno número de exemplares.

688 — Paráfrase árabe da Taboa de Cebes, em espanhol, com um estudo prévio, e o texto árabe por apêndice, e com três centúrias de sentenças árabes, texto e versão, por D. Paulo Lozano y Casela. Madrid, 1793, in-4.º gr.

689 — Antologia erótica de Amazon, texto sanscrito, com versão francesa, glosas e notas, por Apudy. Paris, 1831, in-4.º, tirado em pequeno número de exemplares.

690 — Coleção oriental de manuscritos inéditos da Biblioteca Real de França, contendo o Bhâgavata-Purâna, texto sanscrito e versão francesa de Bournuf com notas e estudo crítico prévio, 1 vol. in-fol. gr.

691 — Os oito livros de Palidório Virgílio, de Urbino, acerca das invenções e dos inventores das cousas, tanto industriais como literárias, traduzidos do latim em espanhol por Vicente de Milles Godinez, conforme o original, emendado por motu próprio pontifício. Medina del Campo, 1599, 1 vol. in-4.º, em espanhol.

692 — Vindicação da prioridade do fabrico do papel com massa de madeira, como descoberta portuguesa, intentada nas Caldas de Vizela, no princípio deste século, pelo professor do liceu de Braga, Pereira Caldas. Braga, 1867, 1 vol. in-8.º gr. Neste opúsculo vindicam-se as prioridades de vários outros inventos portugueses, que passam geralmente como de origem estrangeira.

693 — Monumentos que restam da escrita e língua fenícia, com estampas litografadas, e notícias filológicas muito valiosas, por Guilherme Sesenius, 3 vol. in-fol., em 1 só, em latim. Lipsia, 1837.

694 — Gramática crítica da língua sanscrita, pelo Dr. Francisco Bopp. Berolino, 1832, 1 vol. in-4.º, em latim e sanscrito.

695 — Gramática sanscrita, por Júlio Oppert. Paris, 1864, 1 vol. in-4.º, em francês e sanscrito. É uma das melhores obras gramaticais sobre a língua sagrada da Índia antiga, explicando as duas formas desta língua veneranda, em que foram escritos os Vedas e outros monumentos literários de maior importância filológica.

696 — Gramática Mandarina, contendo os princípios gerais da língua chinesa falada, na qual há duas formas muito distintas, a sublime e a vulgar, combatendo-se a opinião dos que consideram nestas duas formas um monossilabismo absoluto, por Bazin. Paris, 1865, 1 vol. in-4.º, em francês e sanscrito. Nesta gramática apreciam-se os trabalhos do padre Joaquim Afonso Gonçalves, um dos portugueses mais sabedores do chinês.

697 — Gramática latina para uso dos mancebos chineses, em latim e em chinês, pelo padre Joaquim Afonso Gonçalves. Macau, 1838, 1 vol. in-8.º, em papel de arroz.

698 — Vocabulário latino chinês com a pronúncia mandarina expressa em caracteres latinos, pelo padre Joaquim Afonso Gonçalves. 1 vol. in-8.º, em latim e chinês, impresso em papel de arroz.

699 — Gramática das três principais línguas orientais: Indostana, Pérsica e Árábica, com diálogos persianos, composta por Mizza Mohammed Saulih, com a tradução inglesa por Guilherme Price. Londres, 1823, 1 vol. in-4.º, em inglês, com os caracteres das três línguas.

700 — Gramática indostana, língua mais vulgar no império do Gran-Mogol. Lisboa, 1805, 1 vol. in-8.º, com a pronúncia indostana, em caracteres portugueses.

701 — Compêndio de gramática árábica, abreviado, claro e fácil, para o estudo da mesma língua, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1795, 1 vol. in-8.º, com os caracteres árabes.

702 — Gramática da Língua sancta, extraída dos principais escritores por D. João da Encarnação. Coimbra, 1789, in-4.º, em latim e hebraico.

703 — Arte hebraispano, gramática da língua sancta em castelhano, pelo padre Martinho del Castillo. Lyon, 1676, 1 vol. in-8.º, em espanhol e hebraico.

704 — Gramática comparativa do latim, italiano, espanhol, português, francês e inglês, explicada na língua alemã por Kratki Zuaim, 1840, 1 vol. in-fol.

705 — Rudimentos da língua grega, extraídos das instituições de Jacob Gretsero, da Companhia de Jesus. Venesa, 1825, 1 vol. in-8.º, em latim e grego. Esta gramática pertenceu ao cardeal arcebispo de Braga D. Pedro Paulo, do qual tem ainda escrito o primeiro nome pela própria letra, tendo-lhe sido apagado o segundo, que ainda se lê a custo.

706 — Regras dos acentos e dos espíritos dos gregos, usados na escrita das palavras; dispostas ordenadamente com algumas observações gramaticais, e acerca dos dialectos e frases poéticas, pelo padre jesuíta Filipe Labbe. Lyon, 1650, 1 vol. in-12.º, em latim e grego. Esta obra é desconhecida de Longueville e Congnet, que a não mencionam, entre outras, na sua prosódia grega.

707 — Introdução à gramática grega, extraída das instituições de Nicolau Clenardo. Lyon, 1621; 1 vol. in-12.º, em latim e grego. Esta obra contém as licenças em português, com

data de 22 e 24 de maio de 1608; e contém igualmente as significações dos verbos em português.

708 — Antologia gramatical árabe, trechos escolhidos dos gramáticos e escoliastas árabes, com a tradução francesa além dos textos, enriquecida de notas filológicas, por Silvestre de Lacy. Paris, 1829, 1 vol. in-4.º, em francês e árabe.

709 — Os autores da língua latina, acerca das doutrinas gramaticais, reunidos em um só corpo, contendo ainda os simples extractos conhecidos apenas por citações, com notas de Dionísio Gothofredo, e índice geral. S. Gervásio, 1602, 1 vol. in-4.º, em latim.

710 — A língua latina, exposta ao Irmão Marcelo, por Quinto Mário Corrado, em 13 livros. Bononia, 1575, 1 vol. in-4.º em latim.

711 — Copiador ou racionário dos acentos das dicções difíceis da língua latina e da língua hebraica, com algumas da grega, e principalmente das dicções usuais da bíblia, do breviário, e do martirologio, por Fr. Miguel da Ascensão. Saragoça, 1621, 1 vol. in-8.º, em latim, com explicações em espanhol para os que não são dados à língua latina.

712 — Manual sucinto da língua russa, com a pronunciação das palavras russas figurada em caracteres franceses, e todas prosodiadas, por Reiff. Paris, 1862, 1 vol. in-8.º, em francês e russo. Contém vocabulários de palavras usuais, frases, locuções, conjugações, e diálogos, com o valor comparativo dos pesos e medidas.

713 — Arte da gramática da língua do Brasil, pelo padre Luís Figueira. Lisboa, 1795, in-4.º, em português e brasileiro.

714 — Dicionário português-brasileiro, anónimo. Lisboa, 1795, in-4.º

715 — Dicionário cómico, satírico, crítico, burlesco, livre e proverbial, com explicação das maneiras de falar burlescas, cómicas, etc., que aparecem nos melhores escritores antigos e modernos, por Felisberto José le Rouse. Lyon, 1752, 2 tomos em 1 vol. in-8.º.

716 — Fundamento do vigor e elegância da língua castelhana, exposta no próprio uso das suas palavras e verbos, por D. Gregório Garcez. Madrid, 1791, 2 vol. in-4.º, em espanhol.

717 — Missão geográfica nos Arquivos de Espanha e Portugal em 1862 e 1863, fragmentos lidos na sociedade geográ-

fica de Paris em 1864, por Alfredo Demersay. Paris, 1864, 1 vol. in-4.º, em francês.

Entre as indicações bibliográficas, que se acham neste opúsculo, menciona-se entre as raridades o famoso romance cavalheiresco TIRANT LO BLANC, indicando-se o exemplar de Valência, o de Inglaterra, e o possuído pelo banqueiro Salamanca, de Madrid. Dá-se deste romance famoso, em face do exemplar de Valência, uma notícia minuciosa no jornal político *Districto de Braga*, n.º 29, de 14 de março de 1863.

718 — Recordações e bosquejos históricos da guerra da Península, e sua história em 1808 e 1809, por Storm de Grave. Amsterdã, 1820, 1 vol. in-8.º, em holandês, com a carta da Península, plantas de batalhas, estampas de vestuário e músicas.

719 — Bosquejo histórico de Portugal nos primeiros tempos de D. Miguel de Bragança, por E'en Coggetuige. Amsterdã, 1829, 1 vol. in-8.º, em holandês.

720 — Comentários do beatíssimo Papa Gregório aos sete Salmos Penitenciais. Paris, na Sorbona, por Udabrico Gering, 1508, in-4.º gótico, em latim.

721 — Exposição do beato Papa Gregório ao Cântico dos Cânticos. Basileia, 1496, 1 vol. in-4.º, em latim.

722 — Vida de Jesus Cristo, em meditações devotas, pelo bem-aventurado doutor Boaventura, da ordem dos frades menores, sem local e sem data, com as iniciais dos capítulos feitas à mão em cores. 1 vol. in-4.º, em latim.

723 — Lógica de Aristóteles, extractada e explicada. Coimbra, 1549, 1 vol. in-4.º, em latim, compreendendo as Instituições de Porfírio, interpretadas pelo beneditino Joaquim Perionio; as Categorias de Aristóteles, interpretadas pelo mesmo autor; o Tratado de interpretação, ainda interpretado pelo mesmo; os Tratados da primeira resolução, escritos pelo mesmo Aristóteles; o Tratado de demonstração do mesmo Aristóteles, interpretado por Nicolau Gronchio; o Tratado dos tópicos, escrito pelo mesmo Aristóteles; e o Tratado da repreensão dos sofistas, interpretado pelo mesmo Nicolau Gronchio.

724 — Introdução à física de Aristóteles. Paris, 1542, 1 vol. in-8.º, gótico, em latim, contendo igualmente o Tratado da geração e da corrupção, do mesmo autor, interpretado por Francisco Vatablo; os livros de Cœlo, interpretados

por Argyropylo Byzancio; o Tratado da alma, interpretado pelo mesmo Francisco Vatablo; o Tratado dos meteoros, ainda interpretado pelo mesmo, e os Livros das cousas naturais do mesmo filósofo Aristóteles.

725 — História das drogas, especiarias, e medicamentos simples, que nascem nas Índias e na América, dividida em 4 livros: os dous primeiros de Garcia da Horta; o 3.º de Cristóvão da Costa e o 4.º da História do bálamo, de Próspero Alpino, acrescentados com a História dos medicamentos simples, de Nicolau Monardes, tradução dos originaes portugueses, espanhóis e franceses, por António Colin, boticário da cidade de Lyon, com numerosas gravuras no texto. Lyon, 1649, 1 vol. in-8.º, em francês.

726 — Tratado das drogas, e medicinas das Índias orientais, com as plantas debuxadas ao natural em gravuras de madeira, verificando-se muitas notícias fitográficas de Garcia da Horta, por Cristóvão da Costa. Burgos, 1578, 1 vol. in-4.º, em espanhol.

727 — História natural e moral das Índias, em que se trata das cousas notáveis do céu, dos elementos, dos metais, das plantas e dos animais das Índias, e dos ritos, cerimónias, leis, governo e guerras dos índios, pelo padre José da Costa, da Companhia de Jesus, Sevilha, 1590, 1 vol. in-4.º, em espanhol.

728 — Lição duodécima dos elementos de geometria filosófica, de Francisco de Borja Garção Stockler, sobre as correlações que existem entre as operações elementares da técnica geométrica e da técnica algébrica. Lisboa, 1819, 1 vol. in-4.º.

729 — Tratado de geometria prática, deduzido da doutrina de Euclides, por Oroncio Finen, com exposição do uso do quadrado geométrico e das varas dimensórias. Argentorati, 1544, 1 vol. in-4.º, em latim, com gravuras.

730 — Tratado da fábrica e uso do anel esférico, por João Taisnier. Antuérpia, 1560, 1 vol. in-4.º, em latim, com gravuras no texto.

731 — Declaração da construção e uso do astrolábio, por Jacobo Koebelio. Paris, 1550, 1 vol. in-8.º, em latim, com gravuras no texto.

732 — Tratado da esfera, por João de Sacro Bosco, com adições e escólios por Francisco Junetino, com exposições de Elias Vineto; Compêndio da esfera por Pierio Valeriano, e anotações e reflexões de Pedro Nunes acerca da doutrina dos climas de Sacro Bosco. Lyon, 1567, 1 vol. in-8.º, em latim, com gravuras no texto.

733 — Tratado da esfera, e primeiros rudimentos de astronomia, com alguns preceitos geográficos, por Cornélio Valério. Antuérpia, 1573, 1 vol. in-8.º, em latim, com gravuras no texto.

734 — Tratado da navegação, por Jacobo de Sá. Paris, 1549, 1 vol. in-8.º, em latim, com figuras no texto.

735 — Verdadeiro resumo do valor do ouro e prata, por Roque Francisco. Lisboa, 1739, 1 vol. in-8.º.

«Roque Francisco, natural das Caldas de Vizela, freguesia de S. Miguel, foi um dos artistas de ouro e prata que no século XVII deram grande honra a Portugal.

O nome deste ensaiador mor das casas de moeda do reino, era ouvido nas nações estranhas com sumo respeito e veneração, como o único que até então conseguira apurar exactamente os quilates do ouro, e fazer as ligas deste metal precioso».

736 — O Quilatador da prata, ouro, e pedras preciosas, conforme as leis reais da Espanha, e como declaração das mesmas, por João de Arphe Villafanhe. Madrid, 1598, 1 vol. in-12.º em espanhol.

737 — Obras de Marciano Minen Capella, sobre filosofia e artes liberais. Lyon, 1539, 1 vol. in-8.º, em latim.

738 — Opinião de Gay-Lussac sobre o projecto de lei francês, relativo à falsificação dos vinhos, expendido na câmara dos pares em França, em sessão de 21 de junho de 1844, sem local e sem data. 1 vol. in-8.º, em francês. Este exemplar foi oferecido pelo autor, de que tem a dedicação em letra de mão, ao naturalista francês Valenciennes.

739 — Extrato duma memória geológica sobre o distrito mineiro de Serra Almagreira e Múrcia, por D. Ramon Pellico. Madrid, 1852, 1 vol. in-4.º, com uma carta geológica.

Do Visconde Santa Luzia:

891 — Uma salva de prata, antiga.

892 — Uma bacia de barba e jarro de prata.

893 — Uma caixa de tartaruga para rapé com ornatos de dente de cavalo marinho.

NA SECÇÃO DE BELAS ARTES

Do Conde d'Arrochela:

65 — Retrato da falecida condessa d'Arrochela, por A. Roquemont.

66 — Retrato de Augusto Roquemont, por ele mesmo.

67 — Quadro de costumes alentejanos, pelo mesmo artista.

Do Conde d'Azenha

68 — Retrato da falecida condessa d'Azenha, por A. Roquemont.

69 — Retrato de uma irmã do conde d'Azenha, por A. Roquemont.

70 — Retrato duma irmã do conde d'Azenha, pelo mesmo.

71 — S. Francisco penitente. Quadro original pelo mesmo artista.

72 — Sant'Ana, leccionando a Virgem, quadro original pelo mesmo artista.

De Bento Cardoso (Dr.)

75 — A caridade romana.

76 — Vénus e Zéfiro.

77 — O amor de Proserpina.

De José Falcão de Magalhães Guimarães:

148 — Uma cabeça de estudo, por A. Roquemont.

De José Joaquim da Silva Pereira Caldas (Dr.):

- 165 — S. José, o Menino e a Virgem.
 166 — O Piolhoso.
 167 — Martírio de Santa Inês.
 168 — A Madalena penitente.
 169 — A Madalena em êxtase.

Do Visconde de Santa Luzia:

- 61 — A morte de Dario, quadro original de Mousiau.
 62 — Cenas da beira mar nas costas da Inglaterra, quadro de escola inglesa.
 63 — Uma marinha, idem.
 64 — Mater Dolorosa.

«Nicolau André Monsiau nasceu em Paris em 1751 e morreu em 1837. Discípulo de Pregou, foi pintor de história e de retratos, e membro da antiga academia de pintura».



Além das individualidades vimaranenses referidas, também o Eng.º Bartolomeu Aquiles Déjante expôs vários objectos por ele achados nas escavações a que então procedera nas Caldas de Vizela como autor de um projecto das Termas, os quais foram expostos na secção de «Arqueologia e Objectos Raros», (parte Arqueológica), e eram os seguintes:

182 — Telha romana, achada nas escavações do «Mou-risco».

183 — Pedra de cantaria, do banho descoberto, detrás do Banho Grande.

184 — Dois canos de barro, romanos, achados ao pé do tanque das pipas, à entrada do passeio.

185 — Pedaço de madeira, que cobria os canos n.º 184.

186 — Dois tijolos romanos, achados no «Banho das pipas», e sobre os quais estavam assentes as pedras do fundo do banho.

187 — Dois canos, (caleiras) romanos, achados detrás do «Banho Grande», cobrindo uma das fendas da rocha, aonde saíam as águas do «Banho meia lua».

188 — Um tijolo romano, 0,^m30 - 0,^m43 - 0,^m5, achado no sítio denominado «Mourisco».

189 — Um tijolo romano, mais pequeno, achado no sítio da «Lameira».

190 — Ardósia, achada no banho romano, descoberta ao pé da casa do antigo correio.

191 — Mármore decomposto, achado no banho romano, dito, dito, dito.

192 — Betão romano.

193 — Pedação de pedra, achado no «Tanque das pipas», mostrando ter havido buracos, servindo provavelmente à passagem directa para os depósitos das águas das nascentes.

194 — Uma caleira larga, de barro.

195 — Betão romano, achado no «Mourisco».

196 — Argamassa romana.

197 — Pedação de chisto, achado no «Banho novo», descoberto ao pé do antigo correio.

198 — Tijolo romano, achado na «Lameira», com impressão de pés de cabra e cabrito.

199 — Duas cascas de ostra, achadas em um encanamento romano.

200 — Bocado de uma ânfora.

201 — Cano de chumbo, encontrado na profundidade de dois metros, detrás do «Banho Grande».

202 — Pedação de madeira, achado na escavação, quando se descobriu o banho romano, ao pé da casa do antigo correio.

203 — Mármore, betão e mosaico, do «Tanque das pipas».

204 — Pedra romana de aparelho. Granito empregado na emergência das nascentes. Tanque das pipas, antigo banho romano. Único granito sobre o qual as águas sulfurosas não têm tido acção. Este granito encontra-se na Serra da Ermida.

205 — Cinco pedaços de mármore encontrados nos banhos romanos.

206 — Cinco pedaços de vasos encontrados a dois metros de profundidade no «Mourisco».

207 — Pedação de caleira de barro, romana, achado no «Mourisco» com marca N N.

208 — Cano de chumbo descoberto na escavação feita detrás do banho grande e debaixo de uma camada de betão.

209 — Argamassa, na qual estava assente um cano de chumbo acima mencionado. N.º 208.

210 — Tijolo assente em betão.

211 — Mosaico assente em betão.

212 — Betão romano do «Mourisco».

213 — Pedra de aparelho achada no banho descoberto detrás do «Banho grande».

214 — Vários grupos de mosaico.

215 — Argamassa romana decomposta.

216 — Uma medalha romana, de cobre, encontrada a dois metros de profundidade no «Mourisco». (Vide nota na pág. 28 desta secção).

217 — Uma grande pedra de granito, assente sobre tijolo e que servia para cobrir a nascente; nesta pedra vê-se a junta coberta de betão. O granito é igual ao do n.º 204.

218 — Sessenta e um objectos de metal ou ferro, encontrados nas escavações. Os objectos de ferro estão cobertos de pirites.

Na «**Parte mineralógica**» estavam expostos:

219 — Várias amostras de granito de emergência das nascentes da «Lameira».

220 — Ditas, ditas, ditas, do «Mourisco».

221 — Ditas, ditas, ditas, do «Médico».

222 — Face de uma fenda de granito, a qual se encontrou cheia de lódo.

223 — Enxofre depositado nos canos modernos.

224 — Crisitalizações achadas no lugar do «Médico».

225 — Granito de Negrelos, escolhido para a construção do novo estabelecimento.

226 — Granito de perto do «Monte da Santa», escolhido para a construção do novo estabelecimento.

227 — Granito da «Ermida», escolhido para a construção dos novos depósitos.

228 — Lódo encontrado no fundo do «Banho grande».

Todos estes objectos pertenceram aos banhos romanos que as escavações realizadas para a construção do edifício do novo balneário deixaram a descoberto. Do projecto fora encarregado o Eng.º Bartolomeu Aquiles Déjante, cujas plan-

tas viriam, igualmente, a figurar na Exposição e estavam assim relacionadas:

230 — Estudos preliminares, compostos de onze plantas.

231 — Projecto do estabelecimento termal da «Bouça das Pedras» (estabelecimento principal); onze plantas.

232 — Projecto do estabelecimento da «Lameira», oito plantas (estufas e inalações).

233 — Projecto do estabelecimento do «Moinho do Fragata», sete plantas (estabelecimento para as pessoas atacadas de morfeia).

234 — Projecto do estabelecimento do «Mourisco», sete plantas.

235 — Projecto de uma piscina para animais.

236 — Relatório.

237 — Descrição dos estabelecimentos.

238 — Mapa das nascentes das Caldas de Vizela.

239 — Orçamento.

Um extrato das memórias de literatura portuguesa, tomo 3.º, ano de 1792, da autoria de José Diogo de Mascarenhas Neto.

*

Todos estes objectos foram conduzidos para o Porto no dia 21 de Outubro de 1867, acompanhados pelo funcionário do Palácio de Cristal Portuense, Isaac Newton, e por uma força do Regimento de Infantaria 8, aqui aquartelado.

Dos que eram pertença da Câmara Municipal existem, actualmente, no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, os 4 padrões de medidas de El-Rei D. Sebastião, ignorando-se, porém, o destino dos restantes, bem como dos que pertenceram ao Conde d'Azenha e a João Baptista Sampaio, João de Castro Sampaio, José Falcão de Magalhães e Dr. José Joaquim da Silva Ferreira Caldas.

Dos livros expostos pelo Dr. Silva Caldas, muito valiosos como se pôde verificar, apenas constam do *Catálogo da Biblioteca Pública de Guimarães*, coordenado por Adolfo Salazar e publicado pela Sociedade Martins Sarmiento em 1892, os seguintes: — *Observações sobre a Língua e Orthografia Latina*, o *Nobiliário do Conde D. Pedro*, e o *Procedimento*

do Bispo do Porto, D. José Maria da Fonseca e Évora, que figuraram na Exposição com os n.ºs 673, 678 e 682, respectivamente.

Na «Secção de **Belas Artes**» estiveram expostas 3 pinturas de Augusto Roquemont, que pertenciam ao Conde d'Arrochela, 5 ao conde d'Azenha e ainda uma cabeça de estudo pertencente a José Falcão de Magalhães Guimarães.

Roquemont acompanhou o Príncipe de Hesse-Darmstadt, Frederico Augusto, de quem era filho natural, como seu secretário, quando o Príncipe veio para Portugal em 1828. Depois da partida de seu pai, que ocorreu em fins de 1830, Roquemont consagrou-se à pintura e obteve o lugar de director da aula de desenho da Real Academia de Marinha e Comércio do Porto, vindo para Guimarães em 1832 onde esteve cerca de 10 anos pintando retratos, como os já referidos, e outros para a Santa Casa da Misericórdia e Ordens Terceiras de S. Francisco e de S. Domingos, os quais ainda existem nessas Instituições. Dos que pertenceram aos condes d'Arrochela e d'Azenha desconhece-se o destino que tiveram.

Na Sociedade Martins Sarmento existem dois quadros «Aspecto da cidade de Guimarães» e «Varanda de Fr. Jerónimo», do Convento da Costa. Roquemont foi pintor talentoso, de sóbrio naturalismo, tanto no retrato como na execução de cenas populares, e sobretudo, na mestria do desenho, de tal forma que Garrett o considerou «artista português legítimo». Veio a falecer no Porto em 24 de Janeiro de 1852, acometido de grave enfermidade.

Entre os objectos expostos pelo eng.º Déjant figurou uma moeda romana de cobre, já referida sob o n.º 216, que fôra encontrada a dois metros de profundidade nas escavações efectuadas no «Mourisco», a qual tinha a seguinte nota: — «*Médio-bronze Romano Colonial, cunhada em Craccurris, cidade da Hispânia Tarraconensis, que antes se chamava «Illurcis», mas tomou novo nome tendo sido aumentada e reedificada por Sampronio Gracco, general romano que venceu em algumas batalhas os celtiberos, cerca de 180 anos antes de J.C. Hoje essa cidade corresponde à actual vila de Agrela (provincia de Sória), e esta descrição: — Anverso — TI berius CAESAR DIVI HVG usti Filius AVGVSTVS (isto é, Tibério César, filho do divino Augusto, Augusto ou Imperador). Busto de Tibério,*

laureado à direita. *No reverso*: — Boi mitrado e ornado para o sacrifício. Por cima *MUNICIPium* (neste exemplar obliterado). Por baixo *GRACCVRRIS*. (Quer dizer Município de Gracurris).

Já se vê que foi pois cunhado este médio-bronze durante o reinado do Imperador Tibério.

Não são comuns as moedas de Gracurris. Esta é já bem conhecida e é descrita e figurada no Padre Mestre Henrique Florez, *Medallas de España*, vol .2.º, pp. 448 e 449, e tab. XXVIII, fig. 2.

As circunstâncias do achado são interessantes, porque mostram: 1.º — que no tempo de Tibério lá andaram fazendo obras nos banhos, e 2.º — que desde essa época o solo tinha tido uma alteração gradual secular de cerca de um milímetro por um ano (por efeito de acumulação de pó, detritos, etc., como é sabido); pois estando esta moeda solta e não em companhia de outras, não foi decerto enterrada, mas ficou aonde casualmente caiu na *superfície* que então era do terreno, e coberta por 2 metros de humus acumulado.

Era uma preciosidade de valor histórico cujo destino também se ignora, assim como o da outra moeda de prata celtibérica, referida com o n.º 648. Uma e outra são uma prova, ou testemunho da presença, na região vimaranense, de tribos celtíberas e das legiões romanas que a povoaram em séculos distantes.

*

Embora nessa Exposição de 1867 estivessem patentes plantas e estudos preliminares do estabelecimento termal das Caldas de Vizela, dos quais tinha resultado, pela remoção de terras, o valioso espólio ali recolhido, só em 12 de Janeiro de 1875, ou seja oito anos depois da Exposição realizada no Palácio de Cristal Portuense, foi aprovado e publicado no *Diário do Governo*, de 13 desse mês, o contrato provisório celebrado por escritura pública de 18 de Novembro de 1874 entre a Câmara Municipal de Guimarães e a Companhia dos Banhos de Vizela. Em assembleia geral dos sócios, realizada em 9 de Outubro de 1873, tinha sido eleita uma comissão constituída pelo Barão de Pombeiro, António José Ferreira

Caldas, dr. Alberto Sampaio, Francisco Ribeiro Martins da Costa e Joaquim Ribeiro da Costa, este de Vizela, para promover o aproveitamento das nascentes das águas termais e a construção do estabelecimento dos banhos, o que também teve parecer favorável da Comissão de Administração Pública em 23 de Janeiro de 1875.

Esta aprovação originou que, em 16 desse mês, elementos da freguesia de S. Miguel das Caldas, e de outras freguesias circunvizinhas, fizessem uma representação à Câmara dos Deputados a pedir a não aprovação do contrato, principalmente na parte em que, segundo as plantas do eng.º Déjant, nessa altura já falecido, se projectava a construção do edifício na «Bouça das Pedras» que, alegavam, «além de ficar 456 metros distante das nascentes das águas era preciso, por causa das grandes inundações, elevar essa bouça à altura da estrada nova».

Apesar desta representação, a Câmara dos Pares aprovou, em sessão de 1 de Abril, a celebração do contrato, aprovação essa publicada no *Diário do Governo*, n.º 90, de 23 desse mês. Em 14 de Dezembro foi, por decreto, autorizada a expropriação, por utilidade pública, de diferentes terrenos pertencentes ao passal do pároco da freguesia de S. João das Caldas necessários à construção do estabelecimento termal, cujas obras se viriam a iniciar no dia 1 de Maio de 1876. Em 11 de Outubro desse ano, novo decreto foi publicado para nova expropriação de terrenos do mesmo passal, destinados ao parque.

Houve, depois modificações no projecto do eng.º Déjant, pelo que foi elaborado um novo projecto pelo eng.º César Augusto Pinto, que foi aprovado por portaria de 8 de Agosto de 1878.

A inauguração e abertura solene do estabelecimento termal efectuou-se, com pompa, no dia 8 de Maio de 1881, pelas duas horas da tarde. Procedeu à bênção das águas e do edifício, revestido de hábitos prelatícios e precedido de cruz alçada, em representação do arcebispo de Braga que não pôde estar presente, Monsenhor João Rebelo Cardoso de Menezes, prelado doméstico de Sua Santidade, que foi acolitado pelos dois abades de Vizela. Assistiram ao acto o Governador Civil do Distrito, a Câmara, o Administrador

do Concelho, Juiz e Delegado, Director das Obras Públicas, Conselho Médico, Direcção da Companhia e outras individualidades, tendo também tomado parte uma força do Regimento de Infantaria 10, que nessa altura fazia a guarnição da cidade, comandada por um tenente.

Durante o acto tocaram duas bandas de música, deram-se salvas de morteiros e subiram ao ar numerosos foguetes, seguindo-se-lhe um *lunch* no Hotel Cruzeiro do Sul.

Uma nota curiosa: — Na véspera, escreveu o Padre António Caldas: «Deve ser amanhã a inauguração solene e abertura do estabelecimento termal de Vizela, construído pela Companhia dos Banhos de Vizela. A este respeito corre entre o povo, e com muita insistência, que, por tal ocasião, e em desagravo da *profanação* das águas, Vizela será submergida na circunferência de uma légua!!!»

Ao que levava a superstição do povo!

Mas tudo decorreu bem e Vizela foi valorizada.

Manuel Alves de Oliveira